



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA



BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 81

17, JULHO, 1981

**OS ÍNDIOS MIRÂNIA E A EXPANSÃO LUSO-BRASILEIRA
(MÉDIO SOLIMÕES-JAPURÁ, AMAZONAS)**

Expedito Arnaud
Museu Goeldi

Resumo — Este trabalho encontra-se dividido em duas partes. A primeira apresenta aspectos da cultura dos índios Mirânia, sua participação na expansão luso-brasileira e a situação atual dos remanescentes. A segunda, mostra como ocorreu a referida expansão, desde o século XVIII até a presente época, especialmente no Município de Tefé.

APRESENTAÇÃO

As situações originadas pelos contatos entre populações indígenas e nacionais, em seus variados aspectos, vêm cada vez mais chamando a atenção não só de antropólogos como de estudiosos de outras áreas das ciências humanas. Como atuante nessa linha de abordagem, consignada em nosso projeto **O índio e a expansão nacional**, apresentamos mais este trabalho cujo roteiro foi organizado com base em indicações colhidas por Nelson Nunes de Oliveira e Naide de Oliveira Arnaud (cunhado e esposa do autor), durante uma viagem efetuada a região, em 1969. Nossa pesquisa de campo, ocorreu em agosto e setembro de 1974, em Tefé, Alvarães, Nogueira, aldeia Méria e adjacências, através de observações diretas, entrevistas e manuseio de documentos pertencentes a instituições públicas, religiosas e particulares. Foi complementada por meio de levantamentos feitos na Biblioteca do Amazonas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1.ª Delegacia Regional da FUNAI e no Museu

 **FALANGOLA**
OFFSET
BELÉM PARÁ

 TRINTA ANOS (1951-1981)

bitarem numa **paragem faminta**, costumavam baixar o rio para fazerem provisões de peixe seco (Ibid.).

Subseqüentemente, Martius, com base em observações colhidas no decorrer de viagem efetuada ao Japurá, em 1820, diz haver conhecido índios pertencentes a 12 grupos diferentes: **pacés, juris, coretus, jumanos, caixanas, miranhas da horda dos carapanãs-tapuias... jafuás (japuis), tecunas, miriatás, jaunás, maruianás e miranhas da horda-grande ave (oirapu-tapuias)** (Spix & Martius, 1938, 3:341). Refere os Mirânia como formando o mais numeroso e poderoso de todos os grupos, com uma população avaliada em 6.000 indivíduos, e situados a partir do rio Cauari, até cinco dias de viagem para o interior, no mínimo com 50 léguas de extensão (Ibid.). Ao contrário de Rodrigues Ferreira, menciona-os como de **tez escura**, condizendo **o peito largo com a largura do rosto, que parecia ainda mais repuxado pelo costume medonho de furarem as narinas e de nelas introduzir cilindros de pau ou conchas** (Ibid.:340). Nas orelhas usavam pedaços de bambu ou tufos de penas de arara e nas cabeças **diademas de penas vistosas** (Ibid.:355). Às vezes enegreciam os dentes e aguçavam os caninos, tornando assim mais **bestializada** a aparência (Ibid.). Tal como os outros índios da região, usavam na maioria tatuagens, sendo a do tuchaua **semelhante a dos Jurí**, que consistia de uma **malha meio-elíptica** de maior ou menor extensão, segundo a idade e a diversidade de família, e alguns usavam também dois traços oblíquos ou quatro pontos redondos no lábio superior, ou simplesmente todo o lábio tatuado (Ibid.:336-341-368). Os homens adultos cobriam o sexo com uma peça **quase com forma de uma funda**, feita com a entrecasca de *turi*, presa com uma corda, também de *turi*, atada a cintura com **uma sobra pendendo na região do sacro**, o que provavelmente motivou a lenda **dos índios-de-cauda do Japurá** (Ibid.:340). As mulheres não usavam nenhuma peça de vestuário, mas andavam sempre pintadas e **isso servia de roupa** (Ibid.:343). Para proteger-se dos mosquitos usavam **uma camisa de entrecasca de turiri**, ao

contrário dos Jurí, que construíam **um quartinho escuro para fugir dos piuns** (Ibid.:342). As malocas construíam espalhadas pela mata, distanciadas entre si, podiam abrigar diversas famílias, eram quadradas, feitas com estreitas vigas, paredes barreadas ou forradas e com o teto de folhas de palmeira (Ibid.). Confeccionavam **artísticas peças de vime**, redes com a fibra do tucum (particularmente a palmeira "*Astrocaryum tucuma* ou *vulgare*") e também com fios de folhas do ananás, em tão grande quantidade que os excedentes eram exportados até para Belém do Pará (Ibid.:342-43). Cultivavam a pimenta malagueta, o aipim, o urucu e o ipadu (*Erthroxylum coca* Lamb.), que se **poderia chamar chá do Peru e do Alto Maranhão**, cujas folhas depois de cozidas e socadas com as folhas da embaúba branca, mascavam para diminuir a necessidade de alimentação e o cansaço, durante as expedições guerreiras (Ibid.:226). Preparavam com as amendoas de **ayu-uva** (*Laurus chiroxilon Sv.*), **como muitas tribus do Suriname uma fina fécula utilizada em solução aquosa contra a atonia do estômago** (Ibid.:344). Fabricavam com a mandioca farinhas e beijus, empregando grandes fornos para torrar, e entre os implementos de ralar mandioca **um pedaço de pau no qual estavam fixados dentes de um inimigo morto** (Ibid.:342). Faziam também uma papa grossa **com sementes farinhentas**, esmagadas e cozidas com água temperada com pimenta malagueta (Ibid.:344), e uma bebida fermentada (*cajiri*) com cocos de palmeiras (Ibid.:356). Em substituição ao sal usavam um preparado feito com **pau novo da juky-uva** (*uma Lecythis*), ou com flores da **paxiúba barriguda ou de patauí** (Ibid.:344). Nos combates, tal como também referiu Monteiro Noronha, usavam pesadas clavas de pau preto (*barasanga tamarano*), o complexo arco-flecha, e a zarabatana (Ibid.). Com esta última, sopravam pequenas setas envenenadas com o curare **o mais importante artigo não só dos Mirânia como dos Passés e dos Tucunas, uma substância mortífera, que passava de mão em mão, até às mais remotas tribus das nascentes do Napo e do Pasta-**